

SERÁ QUE CHEGOU A HORA E A VEZ DO ATEÍSMO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA?

HAVE THE HOUR AND THE TIME OF ATHEISM IN BRAZILIAN HISTORIOGRAPHY ARRIVED?

Ricardo Oliveira da Silva¹

Resumo: A sociedade brasileira está passando por uma mudança no seu perfil religioso cujas origens remontam à década de 1980. Nos dados do Censo do IBGE de 2010, o percentual de indivíduos que se declararam sem religião ultrapassou 8% da população, sendo que na década aludida esse percentual era de apenas 1%. No entanto, ainda são escassos os trabalhos acadêmicos sobre esse fenômeno, em particular sobre o ateísmo no país. Esse artigo pretende fazer um percurso em torno do tema com foco em três eixos: a) definições sobre ateísmo e neocateísmo; b) exposição dos estudos acadêmicos, em especial os historiográficos, sobre ateísmo; c) estudo de caso sobre o ateísmo contemporâneo brasileiro via análise da *Revista Ateísta*.

Palavras-chave: ateísmo; historiografia; Brasil.

Abstract: The Brazilian society is passing through a change in its religious profile whose origins reassemble the 1980s. In the data from 2010 IBGE Census, the percentage of individuals who declared themselves without religion surpassed 8% of the population, being that in the 1980s this percentage was only 1%. However, academic works about this phenomenon still are scarce, particularly on atheism in the country. This article intends to make a course around the theme with focus in three main points: a) definitions about atheism and neo-atheism; b) exposition of academic studies, in particular the historiographies, about atheism; c) a case study on Brazilian contemporary atheism via analysis of the *Atheist Magazine*.

Key-words: atheism; historiography; Brazil.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor adjunto de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Nova Andradina/MS. Endereço eletrônico: ricardorussell@gmail.com

E foi precisamente esse dilúvio de livros sobre a fé que suscitou meu interesse pelo campo da descrença, que continua sendo muito pouco estudado numa perspectiva histórica.

Georges Minois

O estudo do ateísmo no Brasil é, *mutatis mutandis*, tão exótico como o estudo dos ornitorrincos.

Valmor Ferreira Santos

Introdução

Nos últimos meses, iniciei uma pesquisa com o objetivo de saber a viabilidade de um estudo sobre a história do ateísmo no Brasil. Quando o historiador se engaja nesse tipo de tarefa, está entre seus objetivos descobrir as fontes e as análises feitas sobre o assunto. A existência de fontes pode ser interpretada como um indicativo da relevância social e histórica de um tema que faz parte da sociedade, e a produção historiográfica pode ser uma evidência do interesse acadêmico que desperta, cujo conhecimento é essencial para o historiador não reproduzir abordagens já feitas e também ter *insights* para a elaboração de um trabalho com novo viés analítico.

Tenho desenvolvido esta pesquisa procurando conhecer a bibliografia sobre a história do ateísmo. Para mim, esse ponto é fundamental para me familiarizar com o tema e, assim, ter maiores subsídios para fazer a análise das fontes sobre a história do ateísmo no Brasil. Com base nessa atividade, venho constatando que o ateísmo ainda não tem ocupado um espaço relevante na historiografia brasileira como objeto de pesquisa. Por outro lado, constatei uma quantidade razoável de fontes que podem servir como referência para a elaboração de uma história do ateísmo brasileiro.

Este artigo representa o primeiro fruto da investigação iniciada em meados de 2018. Ele divide-se em três partes: a) o início com a exposição de definições conceituais sobre ateísmo e neoateísmo. O objetivo desse tópico é oferecer significados que auxiliem na compreensão da temática; b) a apresentação de algumas produções na área das ciências humanas e, em particular, na historiografia brasileira

sobre o (neo) ateísmo. Mediante tal recurso é possível ter uma noção do perfil das abordagens feitas até o momento no meio acadêmico do país; c) por fim, um breve estudo sobre o ateísmo no país através da análise de alguns artigos publicados no periódico *Revista Ateísta*. Com esse último tópico, espero evidenciar a viabilidade de uma pesquisa sobre o ateísmo brasileiro.

As definições sobre (neo) ateísmo

Ao escolher um determinado tema como objeto de pesquisa, penso ser dever do historiador apresentar uma definição conceitual sobre ele. Com isso, mostra-se aos leitores de que maneira pretende interpretar sua fonte de estudo, um procedimento qualitativamente superior à mera descrição das informações existentes na fonte. Tal princípio me parece de suma importância para estudos que venham a ter como foco uma história do ateísmo no Brasil, ainda mais tendo em vista a sedimentação de conotações negativas que o termo ateísmo possui na sociedade brasileira. Ao ler a bibliografia, descobri a existência de um conjunto de significados sobre ateísmo e neocateísmo, esta segunda palavra uma forma de caracterizar o ateísmo contemporâneo. Em decorrência disso, apresentarei alguns desses significados e apontarei a forma que me parece mais produtiva para interpretar o fenômeno da existência de indivíduos e de ideias que historicamente têm rejeitado o transcendente como gerador de sentido para a vida e o mundo.

Em *Ateísmo: uma breve introdução*, o filósofo Julian Baggini afirmou que o ateísmo seria “a descrença na existência de Deus ou deuses.” (BAGGINI, 2016, p. 11). Michael Martin, em texto de apresentação para o livro *Um mundo sem Deus: ensaios sobre ateísmo*, afirmou que, se fosse procurado no dicionário, ver-se-ia que ateísmo é definido como a crença de que Deus não existe. Contudo, este não seria o significado pleno da palavra em sua raiz etimológica grega, *atheos*, onde *a* quer dizer “sem” ou “não” e *theos* quer dizer “deus”. Nessa perspectiva, “um ateu é alguém que não tem uma crença em Deus; não tem de ser alguém que acredita que Deus não existe.” (MARTIN, 2010, p. 11). Porém, a possibilidade de se entender o ateísmo sob esse duplo prisma levou Michael Martin a defini-lo como positivo e negativo:

O ateísmo negativo no sentido lato é assim a ausência de crença em qualquer deus ou deuses, e não apenas a ausência de crença num deus pessoal teísta, e o ateísmo negativo no sentido estrito é a ausência de crença num deus teísta. O ateísmo positivo no sentido lato é, por sua vez, a crença de que nenhuns deuses existem, sendo o ateísmo positivo no sentido estrito a crença de que o deus teísta não existe. (MARTIN, 2010, p. 11-12).

No artigo *Revisão do conceito de “ateísmo” na literatura contemporânea*, Adilson Koslowski e Valmor Santos expõem algumas definições de ateísmo. De acordo com eles, Paul Cliteur, no texto *The definition of atheism*, de 2009, defendeu um viés normativo para o significado de ateísmo por meio de predicados que pertençam ao objeto e sejam comuns a todos os outros da mesma espécie ou tipo. No caso, o ateísmo devia ser definido pela negação do teísmo. O segundo termo seria caracterizado pelos seguintes predicados: a crença em um ser único (monoteísmo), perfeitamente bom, onipotente, onisciente, onipresente, eterno, criador de todas as coisas, transcendental e pessoal. Já o ateísmo teria os seguintes predicados: a) a negação do Deus do teísmo; b) o pensar pelo viés negativo, ou seja, o foco do ateísmo sendo provar ou argumentar que Deus não existe; c) “a terceira característica é de que alguém é ateuista quando examinou cuidadosa e conscientemente os argumentos apresentados pelo teísta a favor da existência de Deus”. (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016a, p. 814).

Uma posição contrária à definição normativa sobre ateísmo apareceu em *Scientism, humanism, and religion*, tese de doutorado de 2013 do sociólogo Stephen LeDrew, o qual, segundo Adilson Koslowski e Valmor Santos, afirmou que compreender o ateísmo “como falta de crença ou descrença em Deus não nos diz de fato o que é o ateísmo; esse tipo de definição seria formal, vazia.” (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016a, p. 819). A alternativa seria a criação de um conceito que apontasse o que o ateísmo tem sido historicamente. Segundo Adilson Koslowski e Valmor Santos, Stephen LeDrew defendeu essa posição em um estudo sobre o ateísmo moderno, o qual teve raízes no contexto filosófico iluminista europeu do século XVIII, e que após isso se formou a partir de duas tradições, sendo uma delas a do ateísmo científico, influenciado pelas ideias de Auguste Comte (1798-1857), Charles Darwin

(1809-1882) e Herbert Spencer (1820-1903). Nessa tradição, o ateísmo pode ser definido como “o conjunto de crenças nos poderes das ciências e, no caso das ciências naturais, na capacidade de serem eliminadas as pseudoexplicações científicas das religiões, principalmente o criacionismo, que contradiz a teoria darwinista.” (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016a, p. 822). A segunda tradição deu origem ao chamado ateísmo humanista, influenciada pelas ideias de Ludwig Feuerbach (1804-1872), Karl Marx (1818-1883), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Sigmund Freud (1856-1939), onde o ateísmo foi definido a partir da concepção da religião “não apenas como uma teoria explicativa do mundo, mas enquanto um fenômeno tipicamente social, uma forma de vida.” (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016a, p. 822).

A definição de ateísmo de Stephen LeDrew, ao ressaltar a historicidade dos significados atribuídos ao termo, me parece mais familiar às abordagens feitas pelos historiadores sobre os temas que escolhem como objeto de suas pesquisas. Essa proposta analítica é reforçada por Adilson Koslowski e Valmor Santos ao final do artigo quando eles apresentam os argumentos de Ethan Quillen, que, num trabalho intitulado *Discourse analysis and the definition of atheism*, rejeitou definições essencialistas sobre termos compreendidos historicamente de formas muitas vezes ambíguas, como ateísmo e religião. Para Ethan Quillen, uma forma produtiva de oferecer uma definição sobre um termo é privilegiar a sua função e não sua essência. No caso, termos como ateísmo e religião são significantes vazios: “as palavras ganham significado apenas no uso que os indivíduos fazem delas.” (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016a, p. 822).

A ideia de significante vazio faz recordar um texto que escrevi recentemente: *Teoria da história e desconstrução*. Aí, tomei como referência o trabalho do filósofo Jacques Derrida para afirmar que as palavras são significantes cujos significados não estão ligados a uma essência, de caráter universal e atemporal, mas que se formam na interação e diferença com outros significantes. Essa forma de pensar os significados produzidos a partir da escrita foi denominada por Jacques Derrida como *différance*. E, “no movimento da *différance*, os sentidos e significados sobre o passado são construídos, marca da historicidade de uma escrita que jamais esgota a compreensão sobre o passado.” (SILVA in SOARES; SILVA, 2017, p. 38). Em virtude disso, uma definição normativa de ateísmo acaba sendo problemática, pois deixa de

levar em consideração as diversas maneiras pelas quais o termo recebeu significado ao longo do tempo, tanto por aqueles que se definiram e/ou produziram obras que se propunham ateístas, como por aqueles que usaram o termo ateu e ateísta para designar de forma negativa indivíduos e obras. E isso pode ser pensado não apenas para o caso dos possíveis significados formulados para o significante ateísmo, mas também sobre os possíveis significados ao termo neoateísmo.

Em *Avaliando algumas metateses acerca do neoateísmo*, Adilson Koslowski e Valmor Santos apresentam trabalhos de autores que atualmente têm procurado definir o que é o neoateísmo. Inicialmente, eles apresentam a tese de Thomas Zenk, que, no texto *Novo ateísmo*, de 2013, afirmou que o novo ateísmo seria apenas uma criação da mídia a partir da justaposição de acontecimentos distintos, e que ela passou a atribuir a esses acontecimentos características que, na verdade, não possuem. O termo “novo ateísmo” surgiu no verão/outono de 2006 como uma forma de designar as discussões e polêmicas que surgiram com a publicação das obras *A morte da fé* (2004), de Sam Harris; *Deus: um delírio* (2006), de Richard Dawkins e *Quebrando o encanto* (2006), de Daniel Dennett. A esses livros seria incluído mais tarde *Deus não é grande* (2007), de Christopher Hitchens. Essas obras compartilham em comum uma forte crítica às religiões na conjuntura pós-11 de Setembro de 2001, quando terroristas islâmicos atacaram os EUA motivados por interesses políticos e religiosos, o que foi compreendido por esses ateístas como prova da ameaça que a religião representaria para as civilizações que se formaram procurando restringir a sua influência ao foro privado. (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016b).

Para Thomas Zenk, o termo “novo ateísmo” não deveria ser usado como um conceito científico. E isso pelos seguintes motivos: a) o “novo ateísmo” não diria respeito a um fenômeno uniforme. Os autores considerados suas referências possuiriam diferenças entre si: “Sam Harris é budista; Hitchens é contrário a toda e qualquer religião; Richard Dawkins está preocupado em refutar os clássicos argumentos da existência de Deus; e Dennett procura estudar a religião como um fenômeno natural, e não erradicá-la.” (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016b, p. 93); b) o “novo ateísmo” não seria um movimento, pois não possuiria nenhum programa e nem mesmo uma organização com finalidades políticas voltadas para mudanças sociais;

c) o prefixo neo não indicaria ruptura ou inovação epistemológica com a história do ateísmo ocidental. Do ponto de vista da produção das ideias, por exemplo, usualmente se faz referência à crítica científica dos neoateístas à religião. Contudo, “é antiga a utilização ou a aparente inconsistência entre ciência e religião, como atestam os famosos casos de Galileu e Darwin.” (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016b, p. 94).

As ideias de Stephen LeDrew reaparecem em *Avaliando algumas metateses acerca do neoateísmo*. De acordo com ele, o neoateísmo seria um movimento fundamentalista secular. O fundamentalismo seria para Stephen LeDrew uma tentativa de recriar certeza e autoridade em resposta aos desafios do mundo. No caso do neoateísmo, o fundamentalismo secular seria uma resposta à influência das ideias religiosas no espaço público e das ideias relativistas e multiculturalistas da pós-modernidade, que desafiariam a universalidade da razão e da autoridade científica. O fundamentalismo do neoateísmo é constituído por uma ideologia crítica à religião, percebida como conflitante com a hegemonia da racionalidade científica. Por outro lado, o neoateísmo seria um movimento cultural, pois teria como objetivo mudar as crenças e os valores da sociedade contemporânea, com a defesa da ciência, da razão e do secularismo. Contudo, o neoateísmo seria um movimento mais amplo, ao ter uma dimensão política na defesa de uma identidade coletiva por meio de um saber científico-racional. Como consequência, haveria uma tensão entre os fatores ideológicos e políticos, pois o neoateísmo tem como pretensão “uma visão de transformação global da cosmovisão religiosa por uma visão científica de mundo, e sua ação política e de identidade leva para ação de defesa de uma minoria que pretende conquistar direitos, no caso, os direitos dos ateus.” (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016b, p. 100).

Entre as interpretações de Thomaz Zenk e Stephen LeDrew sobre o que seria o neoateísmo, Adilson Koslowski e Valmor Santos tendem a concordar com a análise do segundo autor. Mediante o caminho aberto por Stephen LeDrew, eles admitem que o neoateísmo deve ser entendido principalmente como um movimento ideológico, sendo Sam Harris, Richard Dawkins, Daniel Dennett e Christopher Hitchens a matriz ideológica do movimento, ainda que existam tensões e divergências entre eles na proposição sobre quais seriam as melhores estratégias para defesa e difusão das

ideias ateístas. Por outro lado, Adilson Koslowski e Valmor Santos reconhecem a ênfase ressaltada por Thomas Zenk sobre a importância da mídia na divulgação e cristalização de uma identidade neoateísta, mas rejeitam a tese de que os membros constitutivos da matriz ideológica do neoateísmo tenham mais diferenças do que pontos em comum, o que tornaria a associação entre eles arbitrária. No caso, o neoateísmo não seria um conjunto de ideias superficialmente semelhantes, “mas um movimento com objetivos bastante claros, a saber: eliminar a religião e colocar em seu lugar uma visão cientificista a respeito do mundo, da sociedade e do indivíduo.” (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016b, p. 109).

Já Leonardo Vasconcelos de Castro Moreira, na dissertação de mestrado intitulada *Ainda encantados? Neoateísmo e desencantamento do mundo*, define o neoateísmo apontando as diferenças com ateísmos anteriores, como o do século XIX, um ateísmo “aristocrático”, pois a descrença em um ente superior era algo para poucos intelectuais e, mesmo que houvesse uma descrença em setores da sociedade menos intelectualizados, não era algo significativo. Já no início do século XXI, o ateísmo passou a ser um conjunto de ideias compartilhado por um público mais amplo, e as obras dos seus principais representantes se tornou muito procurada via apoio dos meios de comunicação, como a imprensa virtual e as redes sociais. Outra característica do neoateísmo é a alegada cientificidade de suas teses, sendo que no passado “os autores mais antigos do ateísmo ‘público’ chegavam ao seu ateísmo muito mais por um pensamento filosófico do que pelo uso da ciência”. (MOREIRA, 2014, p. 23).

Com base nessas análises é possível dizer que o termo neoateísmo procura sintetizar significados sobre um conjunto de acontecimentos da época atual. Ainda que para Thomas Zenk a palavra neoateísmo tenha um sentido artificial, por ser uma criação da mídia que não teria correspondência com um fenômeno concreto que possua as características que o termo designa, a palavra aponta para a construção de significados que buscam dar sentido a ações e ideias de um conjunto de indivíduos no início do século XXI. E mesmo que Sam Harris, Richard Dawkins, Daniel Dennett e Christopher Hitchens não usem ou não gostem do termo, por acharem ser uma forma pejorativa de qualificar suas bandeiras de luta como mera polêmica, como

indicam os estudiosos sobre o assunto, não vejo problema em ressignificar o termo para indicar um novo momento na história do ateísmo, como frisado por Leonardo Vasconcelos de Castro Moreira em sua dissertação de mestrado: “é que a partir desse período de meados da primeira década do século XXI o ateísmo formalizou-se, talvez pela primeira vez em sua história, tendo em si mesmo como centro das ideias, e também como um grupo.” (MOREIRA 2014, p. 25). Uma realidade que passou a chamar atenção dos estudiosos brasileiros, com o surgimento de pesquisas, ainda que tímidas, sobre o tema. É para tais pesquisas, em especial na área da historiografia, que eu irei me voltar na segunda parte desse artigo.

O ateísmo na historiografia brasileira

A historiografia sobre a história do ateísmo no Ocidente, de acordo com o material a que tive acesso, apresenta duas teses gerais, as quais estão relacionadas à investigação sobre as origens do ateísmo enquanto fenômeno histórico:

Uma afirma que o ateísmo começou com a aurora da própria civilização ocidental, na Grécia Antiga. Essa é a posição defendida por James Thrower na *Breve história do ateísmo ocidental*. A outra afirma que o ateísmo surgiu de maneira plena somente no século XVIII. É o que defende David Berman em *A History of Atheism in Britain*. Mas o conflito é apenas ilusório, pois existe apenas uma única explicação compatível com essas duas versões: o ateísmo se originou na Grécia antiga, mas surgiu como um sistema de crenças explícitas apenas no final do Iluminismo. (BAGGINI, 2016, p. 90-91).

Para James Thrower, o ateísmo estaria vinculado a uma concepção naturalista de mundo, ou seja, a ideia de que existiria apenas o mundo natural. Essa tradição intelectual teria surgido no Ocidente, especificamente na Grécia antiga. (THROWER, 1971). Julian Baggini concorda com a posição de James Thrower de entender as raízes do ateísmo com o desenvolvimento do naturalismo. Um pensamento que começou no século VI antes da era cristã, com os filósofos pré-socráticos Tales de Mileto, Anaximandro e Anaxímenes, os quais trabalharam com a ideia de que a

natureza podia ser compreendida como um sistema autossuficiente que operava segundo leis acessíveis à razão humana. No entanto, seguindo os passos de David Berman, Julian Baggini afirma que apenas com o iluminismo do século XVIII apareceu uma tentativa sistemática de apresentar e divulgar uma visão de mundo sem deuses como alternativa à cosmovisão religiosa: “[...] a primeira obra declaradamente ateuista foi o *Sistema da natureza* do Barão D’Holbach, publicada em 1770 [...]” (BAGGINI, 2016, p. 95-96). É possível dizer que, a partir da maneira como esses dois autores entendem o ateísmo, o resultado das suas investigações acabe desembocando na apresentação de uma história das ideias ateuistas no Ocidente. O livro de James Thrower, por exemplo, está dividido em três partes: ateísmo na Antiguidade Clássica (com foco na filosofia greco-romana), ateísmo ocidental até o século XVII (com foco na teologia cristã, nas ideias do Renascimento e da filosofia moderna) e ateísmo moderno (com foco no iluminismo, darwinismo, existencialismo e positivismo lógico).

Georges Minois apresentou a história do ateísmo em uma obra com mais de 700 páginas. Para ele, a história do ateísmo deveria ser entendida como uma história da descrença, um componente fundamental em qualquer sociedade e que não se reduziria a atitude da não crença.² Tratar-se-ia, na verdade, de atitude afirmativa da solidão do homem no universo. Uma solidão, “que faz a grandeza e a miséria do homem ateu, encontra-se na origem de condutas diversas: ela engendra uma moral e uma ética fundada sobre o único valor discernível no universo: o homem.” (MINOIS, 2014, p. 4). A história da atitude da descrença no Ocidente é investigada por Georges Minois da pré-história ao final do século XX. E, talvez por uma questão de acesso às fontes sobre um período e espaço geográfico tão vasto, o trabalho de Georges Minois acaba enfatizando as particularidades dessa história na Europa, com ênfase para o caso francês. Por outro lado, esse historiador afirma que a história do ateísmo não seria apenas a história de uma ideia, mas também de um comportamento, resultando,

² Na perspectiva do ateísmo como uma história da descrença, é digna de menção a obra de Lucien Febvre, publicada originalmente em 1942 e intitulada *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. Nesse estudo, Lucien Febvre analisou a noção de descrença na aurora da Idade Moderna a partir da obra de François Rabelais para, ao final, demonstrar que Rabelais não poderia ser considerado um ateu pelo fato de não existir a noção atual de descrença naquela época. Cf. FEBVRE, 2009.

em determinados capítulos de sua obra, no desenvolvimento de uma história social e cultural do ateísmo. O livro divide-se em seis partes: o ateísmo na Antiguidade e na Idade Média, o ateísmo subversivo da Renascença, de uma crise de consciência a outra (1600-1730), o descrente século XVIII, o século da morte de Deus (século XIX) e o fim das certezas (século XX). (MINOIS, 2014).

Agora, se eu reduzir o foco da análise para os estudos sobre ateísmo na historiografia brasileira, quais temas e teses são possíveis de encontrar? Antes de tudo, é preciso dizer que as pesquisas no Brasil são recentes e ainda incipientes. Nesse sentido, o caso brasileiro corrobora afirmações feitas por James Thrower e Georges Minois. O primeiro publicou originalmente *Breve história do ateísmo ocidental* no início da década de 1970, onde escreveu que a história do ateísmo “que está ainda por fazer e da qual praticamente não existem registros, que pretendo examinar nas páginas que se seguem.” (THROWER, 1971, p. 15). Já o segundo, em *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*, livro publicado quase 30 anos depois de *Breve história do ateísmo ocidental*, fez afirmação semelhante à de James Thrower, dizendo existir um relativo vazio historiográfico sobre o tema na comparação com estudos na área da filosofia, sociologia, psicologia e psicanálise. Georges Minois disse que se existem poucas histórias sobre o assunto, “é precisamente em razão da conotação negativa que se atribui à descrença. Todos os termos utilizados para designá-la são formados com um prefixo privativo ou negativo: a-teísmo, des-crença, a-gnosticismo, in-diferença.” (MINOIS, 2014, p. 02).

A conotação negativa atribuída ao ateísmo explicaria a escassez de pesquisas na historiografia brasileira? Talvez ajude a entender essa situação, mas me parece haver outros fatores também relevantes para tal circunstância. É preciso considerar que a sociedade brasileira possui uma forte tradição religiosa, decorrente da colonização portuguesa entre os séculos XVI e início do XIX. Essa tradição, ainda predominantemente cristão-católica, vem moldando comportamentos, formas de pensar e agir em diversos grupos no país. Diante disso, não é de estranhar que os historiadores tenham produzido inúmeros estudos sobre o tema da religião e das práticas religiosas na história do Brasil (SILVA, 2007). Por outro lado, o ateísmo como fenômeno histórico com certa amplitude social é algo recente no país, sendo apenas

agora que surgem trabalhos sobre o tema. Isto foi possível constatar por meio de uma consulta ao *site* do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.³ Ao digitar “ateísmo” no mecanismo de busca, encontrei 95 resultados (teses e dissertações) e ao digitar “ateu”, encontrei 47 resultados (teses e dissertações). Ainda assim, nem todos os trabalhos disponíveis possuem o ateísmo como tema central da pesquisa. E os estudos sobre ateísmo são, em sua maior parte, produzidos na área das ciências da religião, seguidos por filosofia e teologia.

As pesquisas encontradas na área de história analisam o ateísmo sob dois eixos: a) história do ateísmo ocidental, particularmente na época contemporânea; b) e história do ateísmo brasileiro. Em relação ao primeiro eixo, no *site* do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES encontrei apenas um trabalho na área de história cujo objeto principal de pesquisa é o ateísmo. Trata-se de *Ateísmo, neoateísmo e o “problema” da religião no século XXI: uma análise da obra Deus, um delírio (2007) de Richard Dawkins*, dissertação de mestrado defendida na Universidade Estadual de Maringá em 2017 por Maria Helena Azevedo Ferreira. A historiadora propôs fazer uma análise do discurso sobre ateísmo e religião na obra *Deus, um delírio* a partir do campo de estudo da história das ideias religiosas, mediante o seguinte objetivo: “pensar como um intelectual ateu do século XXI, Richard Dawkins, constrói seu discurso sobre religiões, e como este se desdobra em um discurso acerca do ateísmo.” (FERREIRA, 2017, p. 16). A pesquisa está organizada em duas principais partes: a primeira parte conceituando historicamente o termo ateísmo e neoateísmo, e a segunda parte abordando a militância ateísta de Richard Dawkins e os significados sobre religião e religioso em sua obra.

Não encontrei no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES outros trabalhos produzidos na área de história que tenham o ateísmo como objeto central de investigação. Contudo, se ampliar o raio de abrangência das áreas de conhecimento com produções voltadas para esse tema, é possível ter acesso a outras pesquisas. Na área da filosofia⁴ há *O ateísmo virtuoso: experiência e moral em Pierre*

³ Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

⁴ No quesito sobre trabalhos na área da filosofia, eu ainda tive acesso ao livro *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*, uma investigação sobre a crítica da religião feita pelo filósofo alemão,

Bayle, tese de doutorado defendida na Universidade Federal da Bahia em 2014 por Marcelo de Sant'anna Alves Primo. O foco da pesquisa é analisar a relação positiva erigida por Pierre Bayle (1647-1706) entre ateísmo e virtude em *Pensées diverses sur la comète*, na *Continuation des Pensées diverses* e na *Réponse aux questions d'un provincial*, obras nas quais Pierre Bayle amparou-se no recurso à história, indo de encontro à tradicional depreciação da imagem dos ateus. (PRIMO, 2014).

Contudo, é na área das ciências da religião que está o maior volume de pesquisas sobre ateísmo. Alguns exemplos: em *Ainda encantados? Neoateísmo e desencantamento do mundo*, dissertação de mestrado defendida na PUC-SP em 2014 por Leonardo Vasconcelos de Castro Moreira, se tem como base o uso do conceito de Max Weber de desencantamento do mundo para analisar de que forma Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett e Christopher Hitchens, no combate que fazem à religião, procuram também construir uma nova cosmovisão, tanto no âmbito individual como coletivo, uma espécie de (re) encantamento do mundo baseado nos valores da ciência. (MOREIRA, 2014). Clarissa de Franco, em *O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum*, tese de doutorado defendida na PUC-SP em 2014, analisa as principais ideias ateístas de Richard Dawkins e a recepção destas ideias por parte dos ateus inseridos na cultura brasileira. (FRANCO, 2014). Em *Ciência moderna, religião e novos ateístas*, tese de doutorado defendida por Roney de Seixas Andrade na Universidade Federal de Juiz de Fora em 2016, são analisados os discursos dos principais autores neoateístas, a saber, Richard Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris e Christopher Hitchens, partindo-se da hipótese de que o neoateísmo possui uma pauta não apenas filosófica, mas principalmente político-cultural, como reação aos atentados de 11 de Setembro e ao ressurgimento da influência cultural e política do neofundamentalismo cristão nos EUA a partir da década de 1970. (ANDRADE, 2016). Como último exemplo, cito *Uma introdução ao movimento do neoateísmo: definições e metateses*, dissertação de mestrado de Valmor Ferreira Santos, defendida em 2016 na Universidade Federal de

fundamentada em sua visão de mundo ateísta. A obra foi publicada na década de 1990. Cf. SOUZA, 1994.

Sergipe. Nesse trabalho, o neoteísmo é compreendido como um movimento principalmente ideológico, fundamentado em um conjunto de teses desenvolvidas por Richard Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris e Christopher Hitchens, analisadas pelo autor via a ideia de Wittgenstein de semelhanças de família, ou seja, que os objetos podem ser compreendidos por significados que se aproximam mediante semelhanças, e não por essências. (SANTOS, 2016).

Algumas peculiaridades chamam atenção na produção acadêmica brasileira sobre a história do ateísmo no Ocidente: a) as pesquisas são recentes, com o maior volume de trabalhos publicados nos primeiros anos do século XXI; b) a maior quantidade de pesquisas na área das ciências da religião indica que o ateísmo é um assunto compreendido no país como parte do universo das crenças religiosas. No caso, o ateísmo como uma não crença; c) a ênfase das pesquisas, com exceção daquelas provenientes da filosofia, em torno de um tema específico: o neoteísmo. Isso aparece no trabalho desenvolvido na área de história e naqueles vinculados às ciências da religião. Agora passarei para o segundo eixo, ou seja, o caso das pesquisas que têm investigado o ateísmo como um componente da história brasileira.

No eixo dos trabalhos que analisam a história do ateísmo brasileiro, os estudos também são escassos e recentes na historiografia nacional. Ainda assim é possível encontrar exemplos. No *site* do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, não encontrei pesquisas na área da história. Contudo, por intermédio de pesquisa no mecanismo de buscas do Google, acabei me deparando com duas monografias de graduação na área de história. Uma delas é de 2010 e intitula-se *Reprodução sob condições controladas: o ateísmo como movimento social nos materiais de divulgação do Templo Positivista de Porto Alegre*. É de autoria de Ricardo Cortez Lopes e foi apresentada como requisito para conclusão do Curso de Bacharelado em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esta pesquisa buscou demonstrar que a filosofia positivista, mediante a noção de Religião da Humanidade, uma cosmovisão focada no homem e não mais em Deus, permitiu que o ateísmo, pela primeira vez, se tornasse uma expressão coletiva e pública no Brasil. Isso teria ocorrido por meio das ações articuladas pelo Templo Positivista de Porto Alegre, fundado em 1912, o que originou um movimento social ateu. Nesse sentido, o objetivo da monografia foi

construir uma história em torno das representações sociais sobre religião, Deus/deusa e humanidade no material produzido pelo Templo Positivista de Porto Alegre, tendo como fonte de pesquisa revistas, panfletos, ensaios e romances, produzidos pela instituição nas primeiras décadas do século XX. (LOPES, 2010).

A segunda monografia a que tive acesso é de Kélen A. Vieira. Com o título www.atea.org.br (*Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos*): *Ateísmo, identidades culturais e não religiosas na sociedade contemporânea*, essa pesquisa foi apresentada no Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia em 2014. Seu objetivo foi analisar o ateísmo na atual sociedade brasileira a partir da atuação da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA), uma associação criada em 2008. Para isso, Kélen A. Vieira usou como fonte de pesquisa especialmente o material produzido pela ATEA nas redes sociais, analisando de que maneira, a partir desse material, a ATEA vem efetuando uma militância e tentando construir uma identidade para os ateus brasileiros. (VIERA, 2014).

O terceiro exemplo é a dissertação de mestrado de Danilo Monteiro Firmino, defendida em 2018 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Com o título *Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) x Estado brasileiro: ateísmo, laicidade e conflitos jurídicos na formação do primeiro movimento social ateu do Brasil*, o autor defende a hipótese de que a ATEA é o primeiro movimento social ateu brasileiro e que se caracteriza por uma militância em torno da defesa do ateísmo e da laicidade do Estado no Brasil, atuando principalmente por meio do poder judiciário para atingir seus objetivos. O fundamento do ateísmo da ATEA, que se explicita através da crença no poder da razão e na explicação da natureza por via naturalista e materialista, estaria no legado intelectual iluminista do século XVIII (base intelectual antiga) e nos pressupostos teóricos do atual neocateísmo na cena internacional (base intelectual contemporânea). Danilo Monteiro Firmino define a luta da ATEA como uma disputa pelo poder com o intuito de transformar o Estado brasileiro em uma instituição verdadeiramente laica, o que, de acordo com a ATEA, não é o caso. (FIRMINO, 2018).

No caso dos estudos sobre a história do ateísmo brasileiro, também é um procedimento fecundo ampliar o campo de abrangência das áreas de conhecimento para ter uma melhor noção sobre o que se tem pesquisado sobre o tema, uma vez

que os trabalhos historiográficos ainda não são abundantes. Nesse sentido, chamo a atenção inicialmente para o artigo *Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista*, de autoria de Paula Montero e Eduardo Dullo. O artigo é um estudo da área da antropologia social que analisa a tentativa de veiculação de uma campanha ateísta nos transportes públicos por parte da ATEA em 2014 e desenvolve hipóteses para explicar o fracasso da campanha. Para os autores, o ateísmo como doutrina política continua invisível no Brasil enquanto fenômeno social e objeto de pesquisa acadêmica, reforçando a percepção do país como eminentemente religioso. Uma das formas de entender essa invisibilidade seria por meio da análise da reação negativa que a propaganda da ATEA provocou, dando a entender que quando o ateísmo se posiciona publicamente contra a religião, “é percebido como uma ‘crença individual’ entre outras e, enquanto tal, é devolvido ao campo das disputas religiosas, seus militantes sendo percebidos socialmente como uma ‘minoría fundamentalista’.” (MONTERO; DULLO, 2014, p. 59). Tal situação seria agravada pela pouca densidade e sofisticação intelectual do debate no Brasil. Assim, “à falta de um repertório científico, filosófico, literário e teológico relativamente vasto, os atores envolvidos como a ATEA acabam por privilegiar o campo político da discriminação contra as minorias como arena principal do debate.” (MONTERO; DULLO, 2014, p. 77).

Por fim, encontrei dois estudos que abordam a questão do ateísmo no Brasil contemporâneo tendo como foco a análise das mídias digitais. Um dos estudos é da área de comunicação social e se chama *Comunicação e ateísmo: a alternativa do espaço virtual*, de autoria de Gino Giacomini-Filho e Sérgio Luís de Martin. Segundo os autores, o objetivo do artigo é caracterizar as ações do ateísmo no campo da comunicação social, como *websites* e mídias sociais, espaços considerados estratégicos para a comunicação ateísta no Brasil pela pouca presença que dispõem em outros meios de comunicação. O artigo finaliza com um estudo de caso sobre o uso das mídias digitais por parte da ATEA. (GIACOMINI-FILHO; MARTIN, 2015). No *site* do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, encontrei o segundo estudo: trata-se da dissertação de mestrado em ciências da religião de Rogério Fernandes da Silva, defendida em 2015 na PUC-SP e intitulada *Graças a Deus sou ateu: humor e conflito entre ciência e religião nas comunidades neoateístas do Facebook*. A

dissertação discute a atuação das comunidades neoateístas brasileira no Facebook, as quais foram criadas por uma militância ateísta influenciada pelas leituras das obras de Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett e Christopher Hitchens, como forma de expressar o debate entre ciência e religião no país. Nesse sentido, o trabalho apresenta elementos da história do ateísmo, o atual conflito entre religião e ciência promovido pelo neoateísmo e finaliza com a análise de páginas sobre ateísmo no Brasil, com destaque para o trabalho virtual da ATEA. (SILVA, 2015).

Algumas especificidades podem ser constatadas nos estudos sobre o ateísmo no Brasil: a) as pesquisas ainda são poucas e recentes; b) a maior parte dos trabalhos, na área de história e em outras áreas de conhecimento, aborda o ateísmo brasileiro como um fenômeno atual; c) a ATEA tem sido objeto privilegiado nas pesquisas acadêmicas sobre o ateísmo no país, dando a impressão de que o ateísmo brasileiro é sinônimo dessa instituição. Mas esse breve panorama da produção acadêmica mostra que o ateísmo começa a ganhar força nas pesquisas universitárias. Pretendo finalizar este artigo com um breve estudo de caso sobre o ateísmo brasileiro. Com isso, espero mostrar a viabilidade desse tipo de pesquisa na historiografia.

O ateísmo na história do Brasil: o caso da Revista Ateísta

Os estudos que apresentei evidenciam o ateísmo como componente da história do tempo presente, um campo de pesquisa historiográfico que, nas palavras de François Dosse, coloca o problema de saber como o presente é construído no tempo e que possui como noção singular de tempo presente a ideia da “contemporaneidade do não contemporâneo, na espessura temporal do ‘espaço de experiência’ e no presente do passado incorporado.” (DOSSE, 2012, p. 6). Desse modo, se for analisada a configuração atual do ateísmo como fenômeno social e conjunto de ideias, ter-se-ão subsídios para uma interpretação sobre o ateísmo no Brasil, o qual exemplifico usando como fonte a revista impressa chamada *Revista Ateísta*.

É preciso dizer que não é gratuito que o fenômeno do ateísmo, hoje, venha chamando mais atenção dos pesquisadores. De acordo com Phil Zuckerman, entre 500 milhões e 750 milhões de pessoas no mundo não acreditam atualmente em Deus,

levando-o a afirmar que existem no início do século XXI mais pessoas que se declaram descrentes na comparação com qualquer período anterior na história. A partir de dados de *Sacred and Secular: Religion and Politics Worldwide*, trabalho de Pippa Norris e Ronald Inglehart, publicado em 2004, Phil Zuckerman informa que a percentagem de pessoas que acreditam em Deus ao longo dos últimos cinquenta anos declinou 33% na Suécia, 22% nos Países Baixos, 20% na Austrália, 19% na Noruega, 18% na Dinamarca, 16,5% na Grã-Bretanha, 12% na Grécia, 11% na Bélgica, 7% no Canadá e 3% no Japão. Contudo, isso “limita-se muito a nações industrializadas avançadas específicas (com taxas de natalidade relativamente baixas), e não ocorreu em grande parte do resto do mundo.” (ZUCKERMAN, 2010, p. 55).

A partir dos dados da pesquisa publicada em 2012 pelo Worlwide Independent Network juntamente com Gallup International, Fernando Mezdri destaca que a América do Norte concentra 6% de ateus convictos, a Ásia 48%, a Europa 19%, e a África, os países árabes e a América Latina concentrando cada um 2% dos ateus convictos. No caso dessa última, a religiosidade e os movimentos religiosos ainda são muito fortes. Porém, cresce significativamente o índice de pessoas que se declaram ateias, agnósticas e sem religião, com destaque para o Uruguai, com 38%, e o Chile, com 25%, conforme dados do Latinobarômetro de 2014. (MEZADRI, 2016). Em relação a esses dados é preciso ressaltar que um indivíduo se declarar sem religião não é prova de que ele automaticamente se declare ateu. Isso pode ser ilustrado pelo caso brasileiro, em que, no Censo do IBGE de 2010, 15,3 milhões de pessoas declararam não possuir religião, com 615 mil desse total afirmando ser ateu e 124,4 mil afirmando ser agnóstico. Contudo, analisando os dados históricos dos censos demográficos, chama atenção o aumento do percentual da população que afirma não possuir religião no Brasil. Denise dos Santos Rodrigues destaca tal fato. De acordo com essa pesquisadora, até a década de 1950 a categoria sem religião não existia nos dados do IBGE, pois era contabilizada junto com os indivíduos sem declaração de religião. No Censo demográfico do IBGE de 1960 esse grupo foi definido como categoria específica, com 0,5% da população declarando não possuir religião. Nos dados do Censo de 1980, pela primeira vez esse grupo ultrapassou o patamar de 1%,

com 1,6% declarando não possuir religião, índice que aumentou para 4,8% no Censo de 1991, 7,3% no Censo de 2000 e chegou a 8,04% no Censo de 2010. (RODRIGUES, 2012).⁵

Contudo, não foi apenas o número de pessoas que se definem sem religião e, nesse processo, ateias, que cresceu no Brasil e em outras partes do mundo. Na esteira desse fenômeno apareceram entidades defensoras do ideário ateu. Gino Giacomini-Filho e Sérgio Luís de Martin apresentam alguns exemplos. Em 2006, foi fundada por Richard Dawkins a *Richard Dawkins Foundation for Reason and Science*, com a missão de dar suporte à educação científica e compreensão baseada em evidências do mundo natural. No ano seguinte, foi criado por Sam Harris o *Project Reason*, fundação com foco na difusão da ciência e valores seculares por meio de conferências, filmes e patrocínio de estudos científicos. Essas duas entidades estão ligadas aos debates do neoteísmo. Mas há exemplos mais antigos. Um é a *British Humanist Association*, criada na Grã-Bretanha em 1896 para representar pessoas que vivem sem crenças religiosas. O outro caso é a *International Humanist and Ethical Union*, fundada em 1952 em Amsterdã, “abarcando preocupações relacionadas ao humanismo, ateísmo, racionalismo, secularismo, ceticismo, laicidade, entre outros. Realiza anualmente o Congresso Mundial de Humanismo.” (GIACOMINI-FILHO; MARTIN, 2015, p. 18).

A criação de iniciativas e entidades voltadas ao ateísmo vem se tornando uma realidade nos últimos anos também no Brasil. Em 2008, foi criada por Daniel Sottomaior, Alfredo Spínola e Mauricio Palazzuoli a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA), na condição de entidade sem fins lucrativos sediada em São Paulo-SP e que possui como foco congregar ateus e agnósticos brasileiros, assim como defender seus interesses e direitos no país. Em 2010, apareceu a Liga Humanista Secular do Brasil (LIHS), uma associação com sede em Porto Alegre que assume como missão agregar céticos, agnósticos, ateus, livres pensadores e

⁵ A descrença como um fenômeno que adquire dimensão social no Ocidente está relacionada ao processo histórico de secularização e laicidade vivenciado por vários povos ocidentais. É a secularização como uma concepção de mundo e de ser humano dessacralizada e fomentada pela filosofia moderna. Já a laicidade é tida como uma decisão política de criação da esfera pública sem imposição de uma crença religiosa ao conjunto da sociedade. Cf. RANQUETAT JR., 2008.

secularistas em torno de valores epistêmicos e éticos. Em fevereiro de 2012, ocorreu o 1º Encontro Nacional de Ateus do Brasil, com apoio da ATEA, Ateus do Brasil, Troll Divino, Ateísmo pelo Mundo, LIHS e do blog de Paulo Lopes. Dois novos encontros ocorreram em 2013 e 2014. Ainda em termos de exemplos nacionais: “Em setembro de 2013, o jornalista Gabriel Filipe lançou na internet a *Revista Ateísta*, autodenominada como primeira revista ateísta digital.” (GIACOMINI-FILHO; MARTIN, 2015, p. 18).

A *Revista Ateísta* surgiu em 2013 quando foi lançado o primeiro número no formato digital. Ela foi idealizada por Gabriel Filipe, que escreveu no editorial da primeira edição digital que a revista surgia da sua necessidade de criar uma caixa onde pudesse guardar os pensamentos filosóficos e científicos. A partir disso, “a revista ATEÍSTA tem como objetivo compartilhar conhecimentos, fazer pesquisas, abrir debates. Adoraríamos receber e-mails dos leitores com dicas, críticas e claro adoraríamos ter parceiros, colunistas, jornalistas e designers.” (FILIPE, 2013, p. 3).

Acredito que a *Revista Ateísta* é uma fonte de estudo sobre o ateísmo no Brasil do início de século XXI. Através da leitura das edições publicadas da revista, é possível afirmar que ela se propõe a ser um veículo de divulgação de temas variados sobre o (neo) ateísmo que ajude a marcar posição na luta por um maior reconhecimento e visibilidade desse segmento no conjunto da população brasileira, conclamando os ateus e assumirem essa identidade como requisito básico na defesa de direitos e na desconstrução de preconceitos sociais. Até o momento, eu diria que existem duas fases na história da revista em termos de produção: uma primeira fase é digital, quando foram publicados quatro números. Em 2014, surgiu o quinto número, sendo este a primeira edição no formato impresso. Desde então, foram publicados mais três números, mantendo uma periodicidade anual, com exceção de 2015, quando a revista não foi publicada. No decorrer desses anos, a *Revista Ateísta* tem sido financiada por meio da colaboração do público leitor através de campanhas lançadas na internet. Não se trata de um periódico produzido por uma editora, tampouco possui os mecanismos tradicionais de distribuição em livrarias e bancas de jornal. Isto limita o acesso a ela e demonstra as dificuldades em produzir um material

regular sobre ateísmo no Brasil. Aliás, consta na capa do primeiro número impresso a palavra “primeiríssima”, indicando ser a primeira revista ateísta do Brasil.

Em termos de conteúdo, o que foi possível notar é que a *Revista Ateísta* traz a marca da diversidade. As edições impressas apresentam artigos de colunistas que abordam temas variados como a) os preconceitos sociais enfrentados pelos ateus no Brasil. A matéria de capa da primeira edição impressa é *A difícil tarefa de ser ateu no Brasil*; b) a necessidade da união e da luta dos ateus pela defesa dos seus direitos; c) a laicidade do Estado brasileiro; d) ateísmo, ciência e religião; e) ateísmo e filosofia; f) ateísmo e mulheres. Gabriel Filipe defende essa diversidade em editorial após reconhecer a ausência de uma filosofia homogênea em torno do ateísmo: “Nossas opiniões muitas vezes são contraditórias, mas isso não é de forma alguma negativo, e será através dessa pluralidade de pensamento que vamos conseguir evoluir nossa capacidade cognitiva.” (FILIFE, 2014, p. 2).

Outra característica relativa ao conteúdo veiculado pela *Revista Ateísta* é o conhecimento e o diálogo com as ideias do neocateísmo que aparecem em alguns dos artigos. Mas mais do que isso. Os autores considerados referências do neocateísmo constam nas páginas da revista: na edição número 1, ainda na versão digital, é reproduzida uma entrevista do Daniel Dennett, e na edição número 5, a primeira na versão impressa, uma entrevista de Richard Dawkins, pensador que também possui um artigo reproduzido na edição número 8, de 2018. É nessa última edição que Gabriel Filipe afirma: “Ganhamos amplitude nacional ao lado de personalidades como Ricardo Boechat e Drauzio Varella, e internacional quando a mesma foi apresentada no site *Richard Dawkins Foundation* e também na *Atheist Alliance International* [...]” (FILIFE, 2018, p. 2).

Acima, disse que a *Revista Ateísta* é um periódico que procura veicular temas sobre ateísmo e que também possui um viés de luta política pela defesa dos direitos desse segmento da população. Quero mostrar isso, ainda que sucintamente, por meio de dois artigos publicados nela. Um deles intitula-se *O primeiro passo*. É um artigo de opinião de David Ayrolla e foi publicado na edição número 5. David Ayrolla começa o artigo ressaltando as dificuldades enfrentadas em épocas passadas por pessoas que não acreditavam em Deus, mas que eram obrigadas a manter em segredo a

descrença como forma de evitar a discriminação, a perseguição e até mesmo a possibilidade de morte em sociedades profundamente religiosas, e onde a religião tinha força política. Contudo, tal situação começa a mudar: “o ateísmo moderno tem, aos poucos, deixado de ser simplesmente uma condição de descrença para se tornar um ativismo!” (AYROLLA, 2014, p. 16).

A maior visibilidade do ateísmo seria um traço de sociedades onde declina a força da religião, e onde a comunicação global e a informação se tornam acessíveis em todos os níveis sociais, o que permite a disseminação de ideias racionalistas. Mesmo assim, para muitos ateus criados em famílias ou comunidades religiosas, declarar sua descrença não é uma opção, pelo temor do esperado preconceito que sofrerão em suas casas, trabalho e relações sociais. Um medo compreensível. Para contornar tal situação, David Ayrolla propõe que os ateus devem tomar como referência a luta empreendida por outras minorias sociais, como os negros e os homossexuais que, além de reivindicarem direitos, buscam esclarecer as vítimas de preconceito que elas têm todo direito de afirmarem sua satisfação por pertencerem a estes grupos. Assim, “devemos nos anunciar como descrentes, céticos e racionalistas, e mostrar não só como o ateísmo é transformador, mas a sua aceitação também.” (AYROLLA, 2014, p. 17). A eficácia dessa mensagem seria dupla:

Em primeiro lugar, ela ajuda aqueles ateus que se mantêm ocultos por serem solitários em sua descrença, a saberem que não estão sozinhos. Isto os incentiva a “saírem dos seus armários”, confiantes de que há muitos que coadunam de seu posicionamento racionalista. [...] O segundo ponto em que a estratégia é eficiente é a visibilidade “externa”, ou seja, como a sociedade como um todo enxerga os ateus. [...] Quanto mais cidadãos declararem-se como descrentes, maior será a visibilidade das demandas deste público, como o combate à intolerância e o fomento à laicidade. (AYROLLA, 2014, p. 17).

David Ayrolla conclui seu artigo afirmando que se declarar publicamente como ateu e admitir não sofrer preconceito por causa disso é o primeiro passo para que os descrentes não sejam tratados como uma subcategoria de cidadãos, sem voz e sem representatividade no Brasil.

O segundo artigo que apresento é de autoria de Pirula e foi publicado na edição número 6 da *Revista Ateísta*. Com o título *Ateus unidos jamais serão mantidos?*, trata-se de um texto de opinião que aborda a necessidade dos ateus encontrarem um denominador em comum na luta pelos seus direitos, apesar de suas diferenças. De acordo com Pirula, os ateus compartilham com negros e mulheres a condição de minoria social no Brasil. Porém, mais do que uma minoria social, os ateus também são no país uma minoria numérica. Nos dados do Censo do IBGE de 2010, os ateus estão incluídos na categoria dos “sem religião”, que representam 8% da população brasileira. Pirula apresenta outros dados. De acordo com ele, a Ipsos, a pedido da Reuters, fez em 2011 uma avaliação com cerca de 20 mil pessoas em 23 países sobre religiosidade, em que cerca de 3% dos brasileiros se declararam ateus de fato: “para um país com cerca de 200 milhões de habitantes, se não me engano nos cálculos, 3% equivalem a 6 milhões de habitantes. É equivalente a população da cidade do Rio de Janeiro (a segunda mais populosa do país).” (PIRULA, 2016, p. 10).

Segundo Pirula, foi nos idos de 2009 que os ateus começaram a se organizar e que surgiu um real ativismo ateu no Brasil, especialmente por meio do uso da internet. A união de 6 milhões de pessoas é capaz de gerar um grande impacto social. No entanto, os ateus brasileiros mostraram que não são um grupo fácil para criar unidade. As associações e grupos ateístas racharam, brigaram e algumas foram extintas. Os motivos de cisão se amontoam: “preferências políticas, sobreposição de minorias, e até mesmo ideologias alimentares foram razão de atritos, desistências e afastamentos.” (PIRULA, 2016, p. 10). Para Pirula, exigir que todos os apoiadores da causa A também sejam defensores da causa B, C e D, ao contrário de fortalecer as quatro causas, acaba por enfraquecer a causa A, a primeira causa que foi fonte de união.

Apesar dos problemas de unidade em torno do ateísmo, Pirula constata avanços no caso brasileiro. Para ele, o termo “ateu” deixou de ser um palavrão horrível que no passado designava monstros e passou a representar seres humanos, sendo mais aceita, pelo menos nos círculos da internet. Mas para que esse processo de visibilidade e aceitação do ateísmo ganhe mais força, um mínimo de união na luta por direitos se faz necessária entre os ateus:

Sei que vamos discordar sempre, sobre muitos assuntos. E isso é a melhor coisa que existe. Porém, ficar se apegando a diferenças a ponto de dividir o grupo e fazê-lo esquecer os pontos em comum é uma postura obtusa, e o tiro acaba saindo pela culatra. Por que se unir então? [...] Para termos um contraponto com força e um mínimo de simpatia da sociedade quando aparecerem questões políticas como o aumento de poder para igrejas, a proibição de liberdades individuais baseadas em argumentos religiosos, e também a perseguição de indivíduos ateus, que em comunidades menores muitas vezes estão literalmente sozinhos. (PIRULA, 2016, p. 11).

Pirula encerra o artigo escrevendo que a sociedade precisa ouvir, lembrar que os ateus existem e desenvolver simpatia por eles. Para que isso aconteça, “precisamos sair do marasmo, e lembrar que nós mesmos, os ateus, precisamos gostar da gente antes.” (PIRULA, 2016, p. 11).

Considerações finais

É possível dizer que o ateísmo possui uma historicidade própria que hoje ganhou maior densidade social em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil. Contudo, em terras brasileiras ele tem tido pouca atenção dos pesquisadores. Mas isso parece estar mudando aos poucos, como atesta a recente produção universitária. E pode modificar ainda mais com a colaboração da historiografia nacional. Porém, como os historiadores podem desenvolver uma história do ateísmo, particularmente uma história do ateísmo brasileiro? Encerrarei o artigo com alguns apontamentos em torno dessa questão, mas sem a pretensão de esgotar as possibilidades de respostas para essa indagação. Para começar eu chamo atenção para a abordagem de Georges Minois, que definiu a história do ateísmo como a história de uma descrença. Em sentido amplo, o ateísmo é uma manifestação cultural, tratando-se “de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.” (PESAVENTO, 2012, p. 15).

Em termos de objeto de pesquisa, uma das possibilidades de estudo do ateísmo é por meio da história intelectual. Robert Darnton expos algumas linhas de

investigação para esse tipo de pesquisa histórica, como a história das ideias (o estudo do pensamento sistemático, geralmente em tratados filosóficos), a história intelectual (o estudo do pensamento informal, os climas de opinião e os movimentos literários), e a história social das ideias (o estudo das ideologias e da difusão das ideias). (DARNTON, 2010). Para mim, essas linhas de investigação podem ser sintetizadas como análise da historicidade das ideias produzidas ao longo do tempo por homens e mulheres em diversas esferas da sociedade. No meu caso, tenho feito estudos mediante investigação da produção intelectual desenvolvida pelas pessoas ao longo do tempo, sendo os textos a fonte preferencial das minhas pesquisas. Com isso, traço como meta saber como os indivíduos constroem historicamente os significados que dão sentido às suas existências e ao mundo em que vivem. (SILVA, 2017).

O desenvolvimento de uma história do ateísmo sob esse prisma pode resultar numa pesquisa sobre a historicidade das ideias ateístas em formas de pensamentos formais, como aqueles expressos em obras filosóficas, científicas e políticas, e sua difusão e recepção social. Para o caso de uma pesquisa sobre a história do ateísmo brasileiro, a abordagem da história das ideias é um caminho que permite ir além do horizonte de análises focadas na maneira como se configuram os atuais sentidos em torno do ateísmo no país, os quais estão articulados as ideias provenientes dos debates sobre o neoateísmo na Inglaterra e nos Estados Unidos e que resultam em uma história do tempo presente. Não se trata de desconsiderar esse procedimento de pesquisa, frutífero para analisar fenômenos da época contemporânea, mas também procurar investigar de que maneira o ateísmo adquiriu sentidos em épocas anteriores da história brasileira. Ricardo Cortez Lopes exemplificou essa possibilidade no estudo sobre positivismo e ateísmo no início do século XX. Nesse sentido, outros trabalhos podem ser elaborados problematizando a configuração do ateísmo na tradição intelectual anarquista e comunista no Brasil, por exemplo. Afinal, os historiadores possuem instrumental analítico e os estudos produzidos indicam que já é possível dizer que chegou a hora e a vez do ateísmo na historiografia brasileira.

Referências

Fontes

AYROLLA, David. O primeiro passo. In: **Revista Ateísta**, s/l., nº 5, p. 16-17, set. /out. 2014.

FILIPE, Gabriel. Editorial. In: **Revista Ateísta**, s/l., ano 1, nº 1, p. 2-3, set. /out. 2013.

_____. Editorial. In: **Revista Ateísta**, s/l., nº 5, p. 2, set. /out. 2014.

_____. Editorial. In: **Revista Ateísta**. s/l., nº 8, p. 2, 2018.

PIRULA. Ateus unidos jamais serão mantidos? In: **Revista Ateísta**. s/l., nº 6, p. 10-11, jul./ago. 2016.

Bibliografia

ANDRADE, Roney de Seixas. **Ciência moderna, religião e os novos ateístas**. 272 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2016.

BAGGINI, Julian. **Ateísmo**: uma breve introdução. Porto Alegre: L&PM, 2016.

CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES (CAPES). Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

DARNTON, Robert. **O beijo de lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. In: **Tempo e Argumento**. Florianópolis, vol. 4, nº 01, p. 05-22, jan./jun. 2012.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERREIRA, Maria Helena Azevedo. **Ateísmo, neoateísmo e o “problema” da religião no século XXI**: uma análise da obra *Deus, um delírio* (2007) de Richard Dawkins. 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2017.

FIRMINO, Danilo Monteiro. **Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) x Estado Brasileiro**: ateísmo, laicidade e conflitos jurídicos na formação do primeiro movimento social ateísta do Brasil. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2018.

- FRANCO, Clarissa de. **O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum**. 234 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.
- GIACOMINI-FILHO, Gino, MARTIN, Sérgio Luís de. Comunicação e ateísmo: a alternativa do espaço virtual. In: **Estudos de Religião**. São Paulo, vol. 29, nº 2, p. 13-29, jul./dez. 2015.
- KOSLOWSKI, Adilson; SANTOS, Valmor. Revisão do conceito de “ateísmo” na literatura contemporânea. In: **Sapere Aude**, Belo Horizonte, vol. 7, nº 14, p. 810-826, jul./dez. 2016a.
- _____. Avaliando algumas metateses acerca do neoateísmo. In: **Estudos de Religião**, São Paulo, vol. 30, nº 3, p. 89-110, set./dez. 2016b.
- LOPES, Ricardo Cortez. **Reprodução sob condições controladas**: o ateísmo como movimento social nos materiais de divulgação do Templo Positivista de Porto Alegre. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.
- MARTIN, Michael. Introdução geral. In: _____. (org.). **Um mundo sem Deus**. Ensaios sobre ateísmo. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 11-15.
- MINOIS, George. **História do ateísmo**: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- MONTERO, Paula; DULLO, Eduardo. Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista. In: **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, nº 100, p. 57-79, nov. 2014.
- MOREIRA, Leonardo Vasconcelos de Castro. **Ainda encantados?** Neoateísmo e desencantamento do mundo. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.
- MEZADRI, Fernando. Um estranho entre nós – perspectivas teóricas para um estudo sociológico do ateísmo na sociedade brasileira. In: **Estudos de Religião**, São Paulo, vol. 30, nº 3, p. 63-87, set./dez. 2016.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

- PRIMO, Marcelo de Sant'Anna Alves. **O ateísmo virtuoso**: experiência e moral em Pierre Bayle. 306 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.
- RANQUETAT JR, Cesar. Laicidade, laicismo e secularização: definindo e esclarecendo conceitos. In: **Revistas Sociais e Humanas**, vol. 21, nº 1, p. 67-75, 2008.
- RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, vol. 10, nº 28, p. 1130-1153, out./dez. 2012.
- SANTOS, Valmor Ferreira. **Uma introdução ao movimento do neoateísmo**: definições e metateses. 97 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2016.
- SILVA, Ricardo Oliveira da. **História das ideias**: a construção da identidade. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- _____. Teoria da história e desconstrução. In: SOARES, Fabrício Antônio Antunes; SILVA, Ricardo Oliveira da. (orgs.). **Diálogos**: estudos sobre teoria da história e historiografia, vol. II. Criciúma, SC: UNESC, 2017, p. 19-40.
- SILVA, Rafael Rodrigues da. O campo religioso brasileiro: historiografia e religiosidade. Alguns apontamentos. In: **Revista Lusófona de Ciências da Religião**, ano VI, nº 12, p. 133-139, 2007.
- SILVA, Rogério Fernandes da. **Graças a Deus sou ateu**: humor e conflito entre ciência e religião nas comunidades neoateístas do Facebook. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015.
- SOUZA, Draiton Gonzaga de. **O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- THROWER, James. **Breve história do ateísmo ocidental**. Lisboa: Edições 70, 1971.
- VIEIRA, Kélen Aparecida. **WWW.atea.org.br (Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos)**. Ateísmo, identidades culturais e não religiosas na sociedade contemporânea. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2014.

ZUCKERMAN, Phil. Ateísmo: número e padrões contemporâneos. In: MARTIN, Michael (org.). **Um mundo sem Deus**: Ensaios sobre ateísmo. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 43-58.

Artigo recebido em 12/11/2018

Artigo aceito em 06/01/2019